



FLORIDA CHRISTIAN UNIVERSITY

FLORIDA CHRISTIAN UNIVERSITY MASTER OF ARTS IN EDUCATION WITH FOCUS IN PRINCIPLED EDUCATION

JULIANA POMPEO HELPA

Trabalho apresentado conforme exigência do programa de Master of Arts in Education with focus in Principled Education, para o curso **ED 6509 – Education and evaluation** in Christian Counseling da Florida Christian University.

Prof: PHD Henrique César de Oliveira
Orlando, FL

PARTE I. Resenha do livro

- ✓ Nome do Autor: LUCKESI, Cipriano Carlos
- ✓ Avaliação da aprendizagem escolar
- ✓ Editora Cortez
- ✓ São Paulo, 1996. 19ª Edição.
- ✓ 180 páginas.

O autor inicia o livro com uma abordagem histórica acerca do desenvolvimento do conceito de avaliação. Em sua visão, a avaliação da aprendizagem reflete práticas pedagógicas autoritárias, oriundas de uma herança cultural colonial inserida no modelo de sociedade brasileira.

Neste cenário, em 1982, Luckesi propôs a avaliação diagnóstica, inserida num modelo democrático de sociedade.

Em 1984, a avaliação é vista como o processo de ensino numa perspectiva construtivista. Atualmente, a avaliação é um processo sob múltiplos tratamentos pedagógicos.

No **capítulo um**, cujo título é “Avaliação da Aprendizagem Escolar: Apontamentos sobre a Pedagogia do Exame”. Resumidamente, o autor destaca que a pedagogia do exame enfatiza: provas, exames e percentuais. A atenção de educadores e familiares é voltada para a promoção do educando.

Neste contexto, o estabelecimento de ensino é centrado nos resultados de provas e exames e os sistema social vigente se contenta com as notas obtidas nos exames. Segundo o autor, os desdobramentos desta visão é que a finalidade das provas é para aprovar ou reprovar o educando, gerando o disciplinamento social dos mesmos.

Esta visão de avaliação é uma herança jesuíta oriunda dos séculos XVI e XVII e o medo, é uma das facetas que a acompanha.

As consequências da pedagogia do exame são:

- Pedagogicamente: Centraliza a atenção nos exames.
- Psicologicamente: Desenvolve personalidades submissas.
- Sociologicamente: Ocasiona seletividade social.

No **capítulo dois**, intitulado “Avaliação Educacional Escolar: para além do autoritarismo”, o autor cita Althusser, Bordieu & Passenon (p.75), dizendo:

Prática escolar predominante se realiza dentro de um modelo teórico de compreensão que pressupõe a educação como um mecanismo de conservação e reprodução da sociedade.

O autor destaca que o autoritarismo pedagógico mantém o modelo social vigente. Em sua visão, a educação precisa ser concebida como mecanismo de transformação social.

Luckesi descreve a pedagogia atual, como fruto do modelo social liberal conservador, que serve para conservação da configuração da sociedade, sem gerar transformação a longo prazo.

Segue abaixo, resumidamente as três visões pedagógicas descritas pelo autor, como mecanismo de reprodução da sociedade atual:

Pedagogia Tradicional	Pedagogia Renovada (Escolanovista)	Pedagogia Tecnicista
<ul style="list-style-type: none"> • Ênfase no intelecto • Objetivo é a transmissão de conteúdo • Centrada no professor 	<ul style="list-style-type: none"> • Ênfase nos sentimentos • Espontaneidade • Produção do Conhecimento • Centrada no Educando 	<ul style="list-style-type: none"> • Ênfase nos meios técnicos de transmissão e apreensão dos conteúdos • Princípio do rendimento • Centrada nos conteúdos

Luckesi enfatiza que as três linhas pedagógicas enfatizam:

- Domesticação dos educandos.
- Avaliação como emissão de juízo de valor.
- Classificatórias.
- Conservadoras do modelo social atual.
- Essas linhas pedagógicas utilizam a avaliação educacional como manifestação de exacerbação do autoritarismo.
- Resultando deste modelo de avaliação atual, segundo palavras do autor “de instrumento dialético, ela se transforma em instrumento disciplinador da história individual de crescimento de cada um”.

Em sua visão, a Pedagogia Libertadora, proposta por teóricos, tais como Paulo Freire, é uma pedagogia que possibilita transformação social a longo prazo. Nesse sentido, suas premissas principais são:

- Escola como instrumento de conscientização e organização política dos educandos.
- Pedagogia dos conteúdos socioculturais (Saviani).
- Humanização dos educandos.
- Transformação social.
- Avaliação diagnóstica.
- Avaliação como uma proposta de ultrapassagem do autoritarismo.
- Avaliação para autonomia do educando.
- Ênfase na reciprocidade das relações.
- Avaliação como mecanismo de diagnóstico da situação do educando.

O autor encerra este capítulo enfatizando que para haver transformação, é necessário em primeiro lugar um posicionamento pessoal de cada educador. Em segundo lugar, é necessário uma ênfase no resgate da avaliação diagnóstica da avaliação para que os mínimos necessários sejam atingidos para que cada um tenha possibilidade de participar democraticamente da vida social.

No **capítulo três**, intitulado “Prática Escolar: do erro como fonte de castigo ao erro como fonte de virtude”, o autor destaca a ênfase no castigo na história educacional brasileira.

Em sua visão, embora tenhamos superado várias formas de violência, anteriormente praticadas em salas de aulas brasileiras, atualmente o castigo é uma prática pela qual o professor cria um clima de medo e ansiedade nos alunos.

Outras formas comuns de castigo são: deixar sem o lanche, sem o recreio e ameaças de castigo. Segundo o autor, há razões pelas quais tais práticas de castigo são comumente aceitas no Brasil:

- Há um padrão pré determinado que não foi seguido pelo aluno.
- Culpa é uma herança judaico-cristã (pág.52).

A culpa impede a vida livre, a ousadia e o prazer, fatores que, multiplicados ao nível social, significam a impossibilidade de controle do processo de vida em sociedade, segundo parâmetros conservadores. (pág. 53)

O que é o erro, segundo o autor? “A ideia de erro só emerge no contexto da existência de um padrão considerado certo” (pág. 54).

O autor destaca o uso do erro como fonte de virtude, como algo dinâmico, como caminho para o avanço. Ele finaliza o capítulo considerando que “por sobre o insucesso e o erro não se devem acrescentar a culpa e o castigo”.

No **capítulo quatro**, “Avaliação do Aluno: A Favor ou Contra a Democratização do Ensino”, o autor destaca os temas acerca da democratização de ensino e avaliação do aluno ocorrerão na medida em que houver democratização do acesso universal à educação escolar e permanência na escola.

No mesmo capítulo ele aponta para a avaliação diagnóstica e participativa como um caminho para a democratização do ensino.

No **capítulo cinco** “Verificação ou Avaliação: O que pratica a escola?”, o autor destaca três procedimentos sucessivos na prática de aferição do aproveitamento escolar:

- Medida do aproveitamento escolar;
- Transformação da medida em nota ou conceito;
- Utilização dos resultados identificados.

Em síntese, as observações desenvolvidas demonstram que o objetivo é classificar os alunos como aprovados ou reprovados. Em sua visão a escola opera com verificação e não com avaliação da aprendizagem. Nas palavras do autor:

A avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que “congela”o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação.

O autor defende um modelo de aferição do aproveitamento escolar como uma medida para o direcionamento da aprendizagem e o seu conseqüente desenvolvimento.

No **capítulo seis**, “Planejamento e Avaliação na Escola: articulação e determinação ideológica”, o autor desenvolve a ideia que o ser humano interfere no meio em que vive e modifica-o para satisfazer as suas necessidades, produzindo como conseqüências efeitos benéficos e maléficos.

O ato de planejar é ideologicamente comprometido, sendo configurado como um ato ao mesmo tempo político-social, científico e técnico.

O autor defende que são necessárias ações individuais e coletivas ao mesmo tempo, para a execução do planejamento. Nesse sentido, a avaliação pode ser compreendida como uma crítica do percurso de uma ação, atravessando o ato de planejar e executar.

No **capítulo sete**, intitulado “Por uma prática docente crítica e construtiva”, o autor destaca o princípio básico de “estar interessado em que os educandos aprendam e se desenvolvam individual e coletivamente”.

Luckesi menciona que a sociedade na qual vivemos não possui esse interesse e que de certo modo, grande parte dos educadores cooperam com a sedimentação da realidade atual e não com a sua transformação.

O desenvolvimento do educando, pressupõem o desenvolvimento das diversas facetas do ser humano. Na visão do autor, a prática docente crítica, exige o comprometimento com os objetivos políticos da educação.

Cabe ao educador três fases da aprendizagem: planejamento, execução e avaliação.

O compromisso político do autor é “estar interessado em que o educando aprenda e se desenvolva”. Para cumprir este objetivo, a definição de mediação é a transmissão e assimilação ativa dos conteúdos.

Nesse sentido, as tarefas docentes de planejar, executar e avaliar devem estar imbuídas desses princípios e recursos, de tal forma que os resultados esperados sejam efetivamente atingidos.

O **capítulo oito** “Planejamento, Execução e Avaliação no Ensino: a busca de um desejo”, o autor inicia o capítulo enfatizando a importância do trabalho para o desenvolvimento pessoal e social.

Durante o capítulo, ele discorre acerca da importância do planejamento, execução e avaliação como recursos para a busca de um desejo. Para isso, ele afirma que é preciso saber qual é o desejo para entregar-se a ele.

No caso de educadores, importa saber qual é o desejo com ação pedagógica auxiliando o desenvolvimento dos educandos e o autocrescimento, por meio do trabalho.

O **capítulo nove** “Avaliação da Aprendizagem: um ato amoroso”, o autor define como ato amoroso, no sentido que a avaliação por si é um ato acolhedor, integrativo e inclusivo.

O autor destaca que há uma grande diferença entre avaliação e julgamento, pois a avaliação não é um ato seletivo.

Neste capítulo Luckesi encerra seu livro, discorrendo acerca de dois objetivos da avaliação no espaço escolar: auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal e responder à sociedade pela qualidade do trabalho educativo realizado.

PARTE II. Conclusão Pessoal

Apresento minha conclusão pessoal, relacionando a abordagem de Luckesi acerca de avaliação, em contraponto com abordagem de Educação Por Princípios.

Filosoficamente, a abordagem de Educação Por Princípios, está pautada numa visão de transformação da realidade atual, buscando um novo modelo social. No entanto, este modelo não é centrado em paradigmas construídos pelo ser humano, mas em paradigmas revelados e registrados na Bíblia Sagrada.

Nesse sentido, o alvo é o mesmo: *transformação pessoal e social*. No entanto a fonte de transformação é oposta. Na perspectiva do autor, a transformação ocorre a partir do ser humano e de seu comprometimento com objetivos políticos da educação. Na perspectiva da Educação Por Princípios, a transformação ocorre a partir do ser humano, de seu comprometimento com o próprio Criador e pela vivência dos princípios estabelecidos em sua Palavra.

Metodologicamente, a Educação Por Princípios defende a visão de avaliação como paradigma de governo. Uma obra somente considera-se encerrada quando foi avaliada. Avaliar possibilita o crescimento. Se falharmos em avaliar, falhamos em provocar o desenvolvimento dos educandos.

Semelhantemente ao autor, a Educação Por Princípios aborda os três processos envolvidos no trabalho do educador: planejar, executar e avaliar. Nesta abordagem, a avaliação é um pensamento governamental e expressa um dos padrões de pensamento em que Deus governa a sua criação. Observamos como exemplo a avaliação do Criador ao contemplar sua obra na Criação: “E viu Deus que o que havia feito era muito bom.”

Outro aspecto semelhante entre a visão do autor e a abordagem de EP (Educação Por Princípios), é que o processo de avaliação deve atingir o professor, os pais e também a escola. Somos todos vistos como corresponsáveis pelo rendimento do educando, sem perder a dimensão da responsabilidade pessoal com o aprendizado.

A EP, assim como a autor, destaca a relevância da avaliação diagnóstica e enfatiza que avaliar é um ato de amor. Avaliar é também observar o 'valor' daquilo que foi produzido. Apreciar é contemplar o que foi produzido e isto comunica valor e é também uma atitude de amor.

Discordo da posição filosófica do autor, expressa nas páginas cinquenta e dois e cinquenta e três, acerca da culpa como um legado histórico negativo oriundo da filosofia judaico cristã, que contribui para a sedimentação da realidade atual e que observa a virtude do autocontrole, como um meio de regulação social, imposto pelo liberalismo.

Percebe-se nas entrelinhas da obra que o autor defende uma filosofia de esquerda, pautada nos princípios do marxismo. Os autores citados por Luckesi, defendem abertamente uma filosofia contrária aos princípios estabelecidos na cosmovisão judaico-cristã, nesse sentido, embora haja semelhança entre percursos metodológicos na abordagem educacional defendida pelo autor e na abordagem educacional preconizada pela EP, concluo que a visão filosófica nos encaminha para fins opostos. Nesse sentido, considero válida a leitura, no entanto, concluo com as palavras do apóstolo Paulo "examinem tudo e retenham o que é bom".

Bibliografia Adicional

Fundamentos, Conceitos e Práticas em Educação Por Princípios. AECEP. Curso I.